



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
affectio@antares.udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
ISSN (versión impresa): 2215-8774
Colombia

2015

Vera Pollo & Heloene Ferreira da Silva

“QUEM SABE EU AINDA SOU UMA GAROTINHA?!”

NOTAS SOBRE A ADOLESCÊNCIA DAS MENINAS, SEUS SINTOMAS E A RELAÇÃO MÃE/FILHA

Revista Affectio Societatis, Vol. 12, N.º 23, julio-diciembre de 2015

Art. # 7 (pp. 101-115)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

**“QUEM SABE EU AINDA SOU UMA GAROTINHA?!”
NOTAS SOBRE A ADOLESCÊNCIA DAS MENINAS, SEUS SINTOMAS E A RELAÇÃO MÃE/FILHA**

Vera Pollo¹

Universidade Veiga de Almeida, Brasil
verapollo8@gmail.com

Heloene Ferreira da Silva²

Hospital Universitário Pedro Ernesto, Brasil
heloeneferreira@hotmail.com

Resumo

O presente artigo consiste em algumas notas que procuram elaborar a prática psicanalítica com meninas adolescentes no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. Para tanto, ele traz inicialmente a contribuição de alguns psicanalistas contemporâneos, lado a lado com as contribuições de Freud e Lacan. Aborda alguns sintomas que tem comparecido com frequência nos processos analíticos das jovens mulheres e discute a relação mãe-filha. Em sua parte final, procura demonstrar que os psicanalistas podem aprender com as adolescentes.

Palavras-chave: adolescência, sintoma, relação mão-filha, devastação.

“¿AÚN SOY UNA NIÑITA?!” NOTAS SOBRE LA ADOLESCENCIA DE LAS CHICAS, SUS SÍNTOMAS Y LA RELACIÓN MADRE/HIJA

Resumen

1 Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia pela PUC-RJ. D.E.A. pela Universidade de Paris 8. Analista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, da Internacional dos Fóruns e do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ. Professora Adjunta do Mestrado e do Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida e da Especialização em Psicologia Clínica da PUC-RJ. Exerce a clínica no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente [NESA/HUPE/UERJ] e em consultório.

2 Psicóloga residente no Hospital Universitário Pedro Ernesto e Especializanda em Psicologia Clínica Institucional/UERJ. Graduada em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida/UVA.

El presente artículo consiste en algunas notas que buscan elaborar la práctica psicoanalítica con chicas adolescentes en el *Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente* (Centro de estudios de la salud del adolescente). Con este fin, presenta inicialmente la contribución de algunos psicoanalistas contemporáneos junto con las contribuciones de Freud y Lacan. Aborda algunos síntomas que han aparecido con frecuencia en los procesos analíticos de las jóvenes mujeres y discute la relación madre-hija. En su parte final, busca demostrar que los psicoanalistas pueden aprender con las adolescentes.

Palabras clave: adolescencia, síntoma, relación madre-hija, estrago.

“AM I STILL A LITTLE GIRL?!” NOTES ON GIRLS' ADOLESCENCE, THEIR SYMPTOMS, AND THE MOTHER-DAUGHTER RELATIONSHIP

Abstract

This paper consists of some notes aiming to work out the psychoanalytic practice with adolescent girls at the *Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente* (Center for the Study of Adolescent Health). To this end, it presents some contemporary psychoanalysts' contributions together with Freud and Lacan's ones. It tackles some symptoms that have frequently appeared in the analytic processes of young women and discusses the mother-daughter relationship. Finally, it seeks to demonstrate that psychoanalysts may learn from adolescent girls.

Keywords: adolescence, symptom, mother-daughter relationship, ravages.

« SUIS-JE ENCORE UNE PETITE FILLE?! » NOTES SUR L'ADOLESCENCE CHEZ LES FILLES, SES SYMPTÔMES ET LA RELATION MÈRE/FILLE

Résumé

Cet article présente quelques notes qui ont pour but d'élaborer une pratique psychanalytique avec des adolescentes du *Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente* (Centre d'études de santé de l'adolescent). Pour ce faire, l'article propose la contribution de quelques psychanalystes

contemporains, ainsi que les approches de Freud et de Lacan. Il aborde également quelques symptômes qui se présentent fréquemment dans les processus analytiques des jeunes filles et traite la relation mère-fille. Finalement, l'article essaie de démontrer que les psychanalystes peuvent apprendre des adolescentes.

Mots-clés : adolescence, symptôme, relation mère-fille, ravage.

Recibido: 21/10/14

Aprobado: 02/02/15

As palavras da mãe são como um mantra dentro da gente. Fica aquilo dentro... sempre a mesma coisa e não sai (fala de uma adolescente)

“Eu estava tentando morrer... Queria ver como minha mãe ia ficar. Ela ia se lembrar de mim *pra sempre*. Ela ia dizer: Ah! Larissa! Por que não a escutei?! Devia ter escutado ela!!” Foram estas as palavras com que uma adolescente de apenas doze anos abordou sua tentativa de suicídio, no decorrer da primeira entrevista com a futura analista. Acrescentou que havia tomado toda a cartela de *diazepan* da sua mãe, que vomitara sangue, ficara internada e quase morrera. Seu discurso sugeria de imediato uma demanda de amor ao Outro materno e nos permitia levantar a hipótese de uma relação mãe/filha caracterizada pela devastação. Adiante voltaremos a esse ponto.

Já se tornou lugar comum lembrar que “adolescência” não é um conceito da psicanálise e que até mesmo o vocábulo pouco comparece nas obras de Freud e de Lacan, o primeiro tendo privilegiado o termo “puberdade”, o segundo preferindo empregar o significante “jovem”. Porém é fato que grande número de psicanalistas dedicam-se cada vez mais a trabalhar com sujeitos adolescentes e a elaborar teoricamente possíveis especificidades da práxis psicanalítica com aqueles que atravessam essa etapa da vida caracterizada por Freud (1927) como a de uma reorganização das pulsões, um reviver do conflito edípiano e a necessária troca dos grandiosos ideais da infância por aqueles da sociedade. Trata-se, ainda segundo ele, do momento em que pode acontecer, embora não necessariamente, uma “organização genital da vida adulta”.

Ao escrever sobre os sujeitos adolescentes, o psicanalista Philippe Lacadée (2011), baseando-se na obra do poeta Victor Hugo, propõe que se substitua o sintagma “crise da adolescência” por “a mais delicada das transições”. Em suas palavras, a adolescência “é um momento de transição em que se opera uma desconexão no sujeito entre seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher. Nela está implicada uma escolha decisiva, que inclui a dimensão inédita de um ato” (p. 19). O ato é uma tentativa de inscrição, quando as crises de identidade se tornam crises de desejo, ligadas à função do objeto *a*. Portanto, ele “serve como saída para o impasse da relação com o Outro, para o que se experimenta de um impossível de dizer”. O sujeito vivencia um “sentimento de exílio” e, “quando se mantém apressado, o adolescente corre o risco de errar e perder sua vida, correndo atrás de outras vidas” (p. 158). É possivelmente o que está subentendido na letra da música “Malandragem”: “Eu só peço a Deus/ Um pouco de malandragem/ Pois sou criança/ E não conheço a verdade/ Eu sou poeta/ E não aprendi a amar” (Cazuza, 1988).

Ao realizarmos atendimentos clínicos no ambulatório público do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA/HUPE/UERJ),³ recebemos com frequência casos em que uma mãe, não raramente lacrimajante, procura ajuda para a filha. Em suas queixas sobre a conduta das filhas adolescentes, as mães relatam episódios de fuga, *cutting*, bulimia, anorexia, prática sexual sem preservativo e ainda outros. Os pais, quando também as acompanham, costumam declarar um sentimento de impotência, por meio de frases como: “Já fizemos tudo, já tentamos tudo...”. Evidencia-se, a nosso ver, uma primeira associação entre a adolescência e o que gostaríamos de chamar com Lacan de “eventos de corpo”, conforme a expressão cunhada por ele em 1976. Eventos que atestam que “o sintoma é aquilo que muitas pessoas têm de mais real; para determinadas pessoas se poderia dizer: o simbólico, o imaginário e o sintoma”⁴ (Lacan, 1975/1976, p. 41. Tradução livre das autoras).

Independente de serem do sexo masculino ou feminino, os adolescentes costumam vir acompanhados pelas mães mais do que pelos pais. Há frequentemente queixas envolvendo situações escolares. Nesse caso, são queixas parentais que não raramente têm início em queixas de professores, diretores ou fiscais de ensino, relativas a notas baixas, absenteísmo, desinteresse pelos estudos e/ou condutas agressivas com colegas e professores, sem deixar de mencionar os casos de inibição e queixas de “vício” em videogames e computador.

Bernard Nominé (2001) afirma que “de fato, se quiséssemos interpretar uma época — o que não é o propósito direto da psicanálise —, me parece que bastaria debruçar-se sobre seus adolescentes, pois eles revelam tudo aquilo que uma civilização se empenha em dominar e esconder” (p. 43).

Para desenvolver o tema que ora propomos, buscaremos responder às seguintes perguntas, aliás intimamente entrelaçadas: O que se tem construído mais recentemente sobre a adolescência no seio da teoria psicanalítica? Há sintomas típicos dessa etapa da vida? O que dizer da relação mãe/filha na adolescência? Como caracterizar a assim chamada “adolescência da menina”? Será que podemos aprender com o sofrimento dessas jovens mulheres?

³ Os casos relatados nesse artigo são de pacientes atendidas durante o treinamento profissional (2012) de Heloene Ferreira da Silva no NESA/HUPE/UERJ sob supervisão de Vera Pollo.

⁴ No original: « Le symptôme est ce que beaucoup de personnes ont de plus réel ; pour certaines personnes on pourrati dire : le symbolique, l'imaginaire et le symptôme. »

A adolescência no discurso psicanalítico

Se, na relação primordial com a mãe, “a criança está no paraíso do engodo” (Lacan 1956-1957/1995, p. 232), ela não deve permanecer muito tempo neste lugar, porque a lei da mãe é seu “puro capricho” e o sujeito *infans* corre o risco de se tornar o “peão apassivado” de um jogo que o prende às significações do Outro. O sujeito não permanecerá entregue ao olho e ao olhar do Outro sem graves consequências em sua vida relacional. No inconsciente, as palavras da mãe são restos memorizados da onipotência materna, rastros de um gozo que faz enigma para o sujeito, e isto pode se estender da primeira infância à velhice mais tardia. Uma adolescente repetia copiosamente as palavras ditas pela mãe quando ela tinha apenas cinco anos. Indagada sobre o motivo de seu ato, ela nos responde: “Claro! As palavras da mãe são como um mantra dentro da gente. Fica aquilo dentro... Sempre a mesma coisa... E não sai”.

Segundo Sonia Alberti (2004), a adolescência é “um longo trabalho de elaboração de escolhas e um longo trabalho de elaboração da falta no Outro” (p. 10). O adolescente deve realizar a desconstrução do Ideal até então suposto aos pais, ou seja, de sua “incorporação do Outro”. Durante esse processo, é inevitável que irrompa a questão: “o que o Outro quer de mim?”. E a ela podemos apor: “Que Outro?”, “Outro do desejo ou Outro do gozo?”

Do ponto de vista subjetivo, a adolescência da menina tende a tornar-se o encontro de duas questões sobre o gozo feminino. E, na ausência do significante de A mulher, tais questões indicam também o encontro de duas faltas, podendo se converter em desencontro, quando não em um verdadeiro embate. Uma relação, que já tendia à devastação, torna-se, agora, claramente devastadora. Por isso se pode afirmar que, se a puberdade é um fenômeno biológico da ordem do necessário, a adolescência, enquanto fenômeno subjetivo, é apenas contingente. Por não haver inscrição do feminino no inconsciente, mãe e filha se encontram diante de um impossível a simbolizar.

Uma adolescente conta como se deu sua fuga de casa: “Desde pequena eu ficava sentada com minha mãe no portão. Um dia, ainda pequena, pedi para ela me deixar ficar sentada sozinha... No dia que eu fugi, ela tinha me proibido de ficar ali, tinha me mandado entrar. Não sei o que meu deu... Eu saí pelo portão, encontrei com meu namorado e, quando viramos na esquina, eu sabia que não tinha mais volta... Fomos para a praia. Eu queria ver o mar... Hoje penso que foi por que, pra mim, só ele é mais poderoso que ela”.

Nesses casos, o manejo da transferência se dá numa tensão, porque é comum acontecer de mãe e filha entrarem em transferência positiva com a mesma analista. Então, enquanto a mãe descreve a filha como “alguém que até pouco tempo era uma menina doce”, mas, de repente, se tornou “rebelde”, “irresponsável”, “fácil”, “vadia”, “alguém que, definitivamente, está enlouquecendo”, a filha, por sua vez, descreve a mãe como

“aquela chata que se mete em tudo”, “uma falsa”, “uma pessoa sem moral para reclamar”. Contudo, se os significantes são tão diversos, se as acusações são por vezes tão ferozes, há um sentimento por trás que é comum a uma e à outra e que se resume numa só palavra: decepção. Mas só há decepção, isto é bem sabido, porque houve previamente idealização do objeto.

Uma mãe invade a sala de atendimento para se queixar da filha “rebelde”, mas quando lhe é proposto que volte em outro horário, sua resposta é evasiva. Ela chega mesmo a dizer que precisa ver se tem vaga em sua agenda, pois se dedica muito ao filho, não à filha. Ao tratar da transferência e do lugar que nela ocupa o analista, Lacan (1960-1961/1992, p. 17) afirma: “não se deve de nenhuma maneira, nem preconcebida, nem permanente, colocar como primeiro termo do fim de sua ação o bem, pretendo ou não, de seu paciente, mas precisamente o seu Eros”. Lacan coteja Sócrates e Freud, para nos dizer que, na relação com o amor, se o primeiro declarou que era o único tema sobre o qual ele detinha um saber, o segundo escolheu servi-lo, para servir-se dele. Hoje, nós “sabemos que o domínio de Eros vai infinitamente mais longe que qualquer campo que possa ser coberto pelo Bem. Pelo menos, vamos partir dessa premissa, e é nisso que os problemas que a transferência nos coloca só fazem aqui começar” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 17).

Nos atendimentos com adolescentes, se o analista quer o bem deles, já não quer mais nada, uma vez que o bem está relacionado à “falácia das satisfações ditas morais” (p. 14) e em nada se relaciona com o desejo, pois este, por ser inconsciente, é sentido como falta ou vazio. Por isso dizemos que, sobretudo nos atendimentos de sujeitos adolescentes, “querer tratar desse vazio ou dessa angústia em nome da segurança, preenchendo-o com os ideais de bem-estar ou predicando sobre o seu ser sempre desemboca no pior” (Lacadée, 2011, pp.18-19).

Sintomas na adolescência

À primeira vista, tratar-se-ia de uma questão ingênua, se não estúpida, indagar a existência de novos sintomas. Por que não haveria novos sintomas sobretudo em uma época de transformações rápidas e intensas nos mais diversos níveis? Respondê-la requer, a nosso ver, em primeiro lugar a definição do que se entende por sintoma no quadro da teoria psicanalítica, em que, é claro, ele não se reduz à ideia médica de sinal. A teoria freudiana nos permite distinguir claramente entre a estrutura do sintoma e sua forma fenomênica.

Em “Uma neurose demoníaca do século XVII”, Freud (1922) observa que os sintomas haviam perdido as feições psicológicas que, em épocas pretéritas, os revestiram como pactos com deuses e diabos, assinaturas

de sangue e outras coisas desse gênero. Em contrapartida, haviam ganho feições hipocondríacas de dores, convulsões, espasmos e paralisias. Contudo, nada disso o impediu de definir o sintoma como um amálgama de forças opostas, libido e agressividade, uma “solução de compromisso” e uma “satisfação substitutiva”. Eis, então, a estrutura do sintoma neurótico: o sujeito se defende contra uma exigência de satisfação que é composta por um elemento ideativo ao qual se soma um quantum energético. O afeto e a ideia não tomam necessariamente o mesmo destino e, do destino que é dado a cada um e da maior ou menor eficácia da defesa, poderá haver desde um sintoma simples de dor física e/ou moral, até o retorno do recalcado sob a forma de fobias, pensamentos obsessivos e compulsões de toda ordem.

No prefácio intitulado “De nossos antecedentes”, Lacan (1966) subscreve a afirmação de Marx de que o sintoma seria “retorno da verdade na falha do saber”. No momento da adolescência, há um apelo ao Outro. O adolescente é convidado a tomar uma posição na partilha dos sexos. Ele se depara com uma exigência feita pelo meio que o cerca e pelas suas próprias determinações inconscientes, pulsionais e identificatórias (Alberti, 2009). Assim, no caso da adolescente, dizê-la “nem menina, nem mulher” é o que se traduz na lógica lacaniana por: “nem toda no gozo fálico e, portanto, nem toda no lado homem, tampouco toda na posição de objeto *a*, quer dizer, sem encarnar totalmente a causa de desejo de quem quer que seja ou o objeto da fantasia de um homem” (Pollo, 2001, p. 62).

Dito isto, observamos que, nos casos acima referidos, quanto mais a adolescente se dividia e ocupava o lugar da não-toda, mais a mãe se tornava toda, aquela que tudo sabia sobre os cuidados da filha. Na devastação, própria à adolescência, ocorre uma tentativa de fazer “um entre dois” sujeitos: objeto de desejo pelo corpo, por parte da mãe, e desejo do corpo do Outro, por parte da adolescente (Miranda, 2012).

Há quase trinta anos atrás, Cazuza (1985) cantava “Só as mães são felizes”,⁵ música que teve sua execução pública proibida pela censura, por ser taxada de escandalosa: “Você nunca sonhou ser currada por animais nem transou com cadáveres? Nunca traiu seu melhor amigo nem quis comer sua mãe? Só as mães são felizes...”.

Jacques Lacan (1956-1957) sinalizou com precisão: se há uma perversão própria da mulher, ela está na sua relação com o filho, cujo corpo pode ser tomado como fetiche. Vale dizer, como objeto de atração e repulsão simultâneas, corpo-objeto que esconde a castração na exata medida em que é colocado no lugar de algo a ser limpo, acariciado, afagado, mas não só, pois, em consequência da ambivalência que marca todo fetiche, o corpo-fetiche é também algo a ser maltratado e fustigado. Desde 1958, Lacan se pôs a indagar “se

⁵ Nas palavras do cantor/compositor, “Só as Mães São Felizes” é uma homenagem às pessoas que vivem o lado escuro da vida, aquelas que preferiram trocar o escritório pela rua, que resolveram viver e escrever a vida.

a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno” (1958/1998, p. 730). Conhecemos sua resposta negativa desde o início dos anos 1970: no lado mulher o gozo fálico é não-todo.

Ao nos propormos investigar qual seria a especificidade da relação mãe-filha no momento da adolescência, decidimos retomar a pergunta freudiana: uma vez que, para ambos, a mãe é o primeiro objeto de investimento libidinal, por que razão, diferentemente do menino, a menina precisa abandonar sua relação com a mãe para aproximar-se do pai? Parece-nos que todo o problema da sexualidade feminina é atravessado por essa passagem da mãe ao pai (Quinet, 1995). A falha da função paterna aparece na própria queixa. Ao indagarmos a afirmação de Lacan (1972/2003, p. 465), em “O aturdido”, de que a devastação mãe/filha “não combina com ele [o pai] ser [aí] segundo”, respondemos com Miranda (2008, p. 3) que “o pai com seus pecados e abusos sexuais não combina como segundo na devastação, porque a fantasia da menina é a de que ele possa lhe dar o falo sob a forma de filho”. No caso da menina, portanto, a frustração imaginária com a mãe simbólica tende a duplicar-se com a privação real com o pai imaginário. Isto resulta em uma dupla perda, em dois necessários trabalhos de luto por parte da menina: luto pelo objeto real de que se sentiu frustrada [pelo Outro materno] e pelo objeto simbólico de que se sentiu privada [pelo Outro paterno].

Cutting, excesso de bebidas, fumo, aparecem no caso clínico como transgressões, tentativas de fazer valer uma lei que não é a do capricho materno, nem a lei simbólica do supereu paterno pacificador. Confirmando a existência de cenas concebidas para efetivamente serem endereçadas ao pai como mensagem indizível, uma adolescente declara: “O meu pai é um caminho sem volta. Ele é a maior decepção da minha vida”. Ela afirma que o pai sumiu quando ainda era bem pequena, e acrescenta: “ele, às vezes, liga”. Porém, com o decorrer do tratamento e o agravamento das brigas com a mãe, emergirá em sua fala um pai “chefão do tráfico de drogas” que já a convidou várias vezes para ir morar no morro com ele, isto se ela quisesse “ter uma vida de princesa”. Podemos observar que, no discurso, “a figura paterna se desdobra na figura do pai impotente, aquele que é inoperante na castração e na figura compensatória do pai ideal, que é construída para salvá-lo de sua impotência” (Quinet, 1995, p. 19).

“De quem, como mulher, ela espera mais substância que do pai” (Lacan, 1972) e os Princípios da educação de moças

Freud (1896) observou muito cedo que ataques de vertigem e acessos de choro têm como alvo outra pessoa que fez parte da pré-história do sujeito, mas que se tornou inesquecível e que jamais será igualada. Deste modo, ele assinalara desde então que parte da função materna resta inscrita indelevelmente no inconsciente

de cada sujeito como Outro pré-histórico, o que significa dizer anterior à história edipiana, portanto, não substituível. Vale dizer, *das Ding*, Coisa materna que não se metaforiza.

A experiência psicanalítica vem confirmando ao longo dos anos que quem quer que seja que desempenhe a função materna será posteriormente transformado(a) no agente de uma fantasia de sedução, até mesmo de abuso sexual que “toca o chão da realidade” (Freud, 1932/1980, p. 149), pois a fantasia é a interpretação subjetiva de um evento real. E, como toda interpretação, ela distorce o evento, atribuindo-lhe uma intensa carga dramática e colocando o sujeito no lugar de vítima passiva das forças do Destino. Na qualidade de recobrimento simbólico-imaginário do real, a fantasia é uma frase e, como tal, sujeita a deslocamentos e condensações, metonímias e metáforas.

“Minha mãe nunca estava lá” ou “minha mãe estava sempre lá, só que estava do jeito errado” são frases que se repetem e nos apontam uma distância entre a genitora e a mãe como elemento significativo do inconsciente de um sujeito, a Mãe subjetivada. Mas se trata de uma diferenciação que muitas vezes só é possível por meio de uma elaboração analítica. É preciso nos perguntarmos em cada caso “por qual caminho passam as fantasias, para ir da mãe ao filho, e talvez isso nos colocasse na própria via pela qual eles retiram suas incidências afetivas.” (Lacan, 1958/1998, p. 751). No caso da relação mãe-filha, “é preciso observar o lugar que as fantasias ocupam como suportes inconscientes dos sintomas de uma e outra, mãe e filha, bem como suas consequências no real da vida sexual de cada uma” (Pollo, 2012, p. 73).

Para Soler, a mãe no inconsciente:

É uma imagem das primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura, [consequentemente] é mais como acusada que ela se instala na associação livre, sejam quais forem as variações individuais. [Donde se conclui que] não é a voz da mãe que ouvimos nelas, mas a da queixa infantil (Soler, 2006, p. 91).

Em seu artigo intitulado “Sexualidade feminina” (1931) e em sua conferência sobre a feminilidade (1933[1932]), Freud tenta dar conta do que chama de enigma da feminilidade. Entre outras coisas, é-lhe necessário comentar a relação mãe-filha. Ele aponta que a menina, após um longo período pré-edipiano de ligação intensa, dá lugar a uma atitude hostil com a mãe. Nesse momento, entram em ação diversos mecanismos que permitem o afastamento da menina em relação à mãe. Nos termos freudianos, essa fase de ligação exclusiva e apaixonada pela mãe é um período destinado a terminar em ódio. No momento da adolescência, as tentativas de separação são as mais variadas, sendo a mais extrema delas a tentativa de suicídio.

Em *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958), Lacan comenta a peça de Molière (1622-1673),⁶ “Escola de mulheres”, apresentada pela primeira vez em 26 de dezembro de 1622, e afirma: “Os velhos sempre cuidaram da educação das meninas e, para isso, até instituíram princípios. No caso, Arnolfo descobriu um princípio muito feliz, que consiste em conservá-las em estado de completa idiotia” (1957-1958/1995, p. 143). A peça conta a história de um solteirão, Arnolfo, um exímio conhecedor dos adultérios da cidade. Julgava ele que os adultérios se davam porque os homens eram demasiado complacentes e as mulheres, alfabetizadas, belas, talentosas, eram cheias de artimanhas desenvolvidas especialmente para enganar os maridos com destreza e malícia. Aos quarenta anos, querendo casar-se, porém temendo ser traído, escolhe Agnes, uma menina que criara desde os quatro anos de idade, utilizando sua receita infalível de mulher honesta: uma pobre idiota, estúpida, submissa, dependente e de completa inocência. Porém quis a ironia do destino que a escolhida se apaixonasse pelo filho de seu amigo pessoal.

Para Lacan, o simples fato de Agnes ser um ser falante, deixa entrever algo de seu desejo e aponta para uma separação do outro que a devasta, ao situar-se no campo do Outro. Pois,

O que nos mostra o desenrolar da história? Poderíamos chamá-lo de Como a inteligência [l'esprit] vem às moças. A singularidade do personagem de Agnes parece haver proposto um verdadeiro enigma [...] — será ela uma mulher, uma ninfomaníaca, uma coquete, uma isto, uma aquilo? Nada disso: ela é um ser a quem ensinaram a falar, é articulada (p. 143).

Há mães em relação às quais somos tentadas a dizer que, tal qual Arnolfo, desejam criar réplicas contemporâneas de Agnes, como se as desejassem “moças ingênuas”, o que lhes ocultaria a sexualização da filha. Não raro, quando descobrem que essas já têm vida sexual ativa, referem um sentimento de traição. Mas, por que traição?! As filhas, por sua vez, não falam sobre “esses assuntos” com suas mães, mas em análise elas falam — e como falam! — sobre seus desejos e atos sexuais.

A adolescência de uma moça sempre implicará o binômio idealização/devastação [...]. Pois mesmo se o rapaz pode concebê-la como um sujeito com suas indecisões, o Outro sempre a verá ou do lado da menina que se mantém a jurar, ou do lado do objeto, sustentado pelos próprios desígnios da mãe (Alberti, 2004, p. 36).

Uma mãe chega desesperada ao ambulatório, depois que a filha, “menina brilhante e inteligentíssima”, fugiu de casa à noite com o namorado. Em seguida exclama: “Doutora, ela está fazendo sexo, doutora! Sabe o que é isso? Sexo! Saindo daqui, ela vai direto fazer um teste de gravidez”. Descobriu isso depois que a filha

⁶ “Dramaturgo francês, além de ator e encenador, considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de destaque na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. Molière usou as suas obras para criticar os costumes da época. [...] Como encenador, ficou também conhecido pelo seu rigor e meticulosidade”. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moli%C3%A8re>. Acesso em: 10/12/12.

deixou 'acidentalmente' sua conta do facebook aberta. A mãe 'propositalmente' ficou acessando a conta da filha por alguns dias, vasculhando suas mensagens (particulares).

Em outro tipo de invasão, mais próxima do século passado, após encontrar um 'ob' nas coisas da filha e achar que "isso não é coisa de virgem", uma mãe resolve ler o diário da adolescente. Então descobre que a filha perdera a virgindade há um ano e, desde então, vinha mantendo parceiros sexuais. Estes, em sua rápida interpretação, são sujeitos que a filha "mal conhece e a quem se entrega". Ela, que sempre mantivera uma postura de descrença em relação ao tratamento analítico da filha, liga para a analista aos prantos e pede um horário para uma "orientação". Quando chega ao consultório, mal consegue falar, chora de soluçar e relata seu total espanto com o fato da filha ter iniciado a vida sexual aos 14 anos, pois ela própria só iniciara aos 25. Nunca tinha falado sobre "esses assuntos" com a filha, estava esperando ela crescer um pouco mais. Portanto, "isso foi uma traição!". Chorando muito, ela diz: "minha filha virou uma prostituta, uma mulher de vida fácil. Ela está dando pra todo mundo, colocando homens lá em casa quando eu não estou. Eu rejeito essa menina que mora comigo hoje. Me sinto traída".

Escutá-la nos faz lembrar que:

A lei da mãe, é claro, é o fato de que a mãe é um ser falante, e isto basta para legitimar que eu diga a lei da mãe. Não obstante, essa lei é, por assim dizer, uma lei não controlada [...] essa lei está, toda ela, no sujeito que a sustenta, isto é, no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má (Lacan, 1957-1958/1995, p. 195).

Muitas adolescentes relatam que suas vidas tornaram-se "um pesadelo". De repente, faz-se o caos.

Minha mãe sempre escolheu tudo lilás pra mim... Ela ama a Moranguinho e se realizava em mim, comprando aquele monte de coisinhas delicadas e lilases. Um dia, eu cheguei na loja e disse: 'eu quero o preto'. Ela quase morreu. Cheguei em casa e decidi pintar uma parede de preto. Depois disso, nossos desencontros foram cada vez maiores. Um pesadelo.

Aprendendo com as adolescentes

Ainda em entrevistas preliminares, uma jovem enuncia: "Eu não tenho vida. Minha vida é uma prisão, minha mãe gosta de me infernizar, ela diz que quer paz, mas ela quer mesmo é me infernizar". No embate mãe-filha, a devastação é mútua, tem dos dois lados, e certamente se dá com muita angústia frente ao desejo do Outro,

situado nas operações de alienação e separação. “Ser teu pão, ser tua comida/ Todo amor que houver nessa vida/ E algum remédio que me dê alegria” (Cazuza e Frejat, 1982).⁷

“Mas, o que é que você quer que eu faça?!”, pergunta a analista depois de ouvir relatos de auto agressividade. “Eu quero que você converse comigo. Quero que você fale comigo”, responde uma adolescente. Outra adolescente, depois de algum tempo de atendimento, fala sobre os cortes que fazia no pulso nos seguintes termos:

Eu já tinha lido na internet que ‘dá um alívio a gente se cortar’. Aí eu pensei: “um dia vou fazer isso... Hoje, penso que fazia isso sempre que um muro desabava entre mim e minha mãe... Quer dizer, desabava não... Se levantava, sempre que eu não conseguia falar com ela.

O que nos ensinam as adolescentes com seus *actings* e suas passagens ao ato? Em primeiro lugar, podemos lembrar, com Lacan (1962-63), que, diferentemente da passagem ao ato em que o sujeito se lança no vazio, deixa-se cair como um objeto rebotalho, no assim chamado *acting out* há uma mensagem simbólica, um endereçamento ao Outro da Lei. Fora da análise, o *acting* é transferência selvagem, mensagem inconsciente de apelo ao Outro sem nome. Mas, no desenrolar de uma análise, um *acting* corresponde à interpretação do analisando que visa lembrar ao analista — esse Outro agora nomeado — que, em sua intervenção, ele se esqueceu do objeto *a*, causa de desejo e de mais-de-gozar.

Nem sempre é evidente se o gozo de um ato é sádico ou masoquista, mas ambos visam atingir o Outro (Lacan, 1962-1963/2005, p. 195). Debruçando-nos sobre o seminário de Lacan sobre a angústia, aprendemos que, embora o masoquista pareça buscar o gozo do Outro, o que ele realmente busca é sua angústia; quanto ao sádico, ele parece buscar a angústia do Outro, mas busca seu gozo, busca extrair-lhe o objeto *a*. Tampouco podemos esquecer que há atos que se endereçam a um ser invisível, esse Outro que é uma espécie de presença de uma ausência, como acontece no caso do ataque de choro a que nos referimos acima.

Algo semelhante, ensina Lacan, pode acontecer no ato de sedução e de amor de uma jovem mulher por uma outra. Embora ela aparentemente despreze o pai, deixando-o de fora da cena, e não o substituindo por um parceiro masculino, na realidade, a jovem quer mostrar-lhe, a ele mais do que a ninguém, como se ama uma mulher e se a faz gozar. Presente ou ausente, enquanto ser de carne e osso, isso pouco importa, pois o fato é que o olhar do pai é o verdadeiro objeto causa de desejo da cena de amor entre as duas jovens. Por isso se pode dizer que o pai é a presença ausente.

⁷ “Todo Amor que Houver nessa Vida” foi composta pela aclamada parceria de Roberto Frejat e Cazuza. Tornou-se tanto uma de suas canções mais famosas como um clássico da banda Barão Vermelho. Caetano Veloso a incluiu no repertório de seu show no Canecão em 1983 e apontou Cazuza como o maior poeta de sua geração.

Lacan (1958) concorda com Ernest Jones, que atendia várias moças homossexuais, que o pai está lá sob a forma do “homem invisível” que a tudo assiste. Eis o que se pode deduzir também dos relatos de algumas adolescentes sobre seu sintoma que adquire a forma do ato de cortar-se. Há alguma coisa que essas adolescentes precisam mostrar e, diríamos nós, elas precisam mostrá-lo mais aos pais do que às mães propriamente, de quem é tão fácil se queixar. Evidentemente, não é regra que o Outro visado seja necessariamente o pai, mas não há dúvida que se trata de um sintoma em forma de mostração. Portanto, de uma palavra calada.

Com as adolescentes, poder-se-ia confirmar, se necessário fosse, o que Freud e Lacan tão bem enfatizaram: que a dor confina no prazer e que, até mesmo em um ato masoquista, a função da dor não é o essencial, porque o essencial nele é a angústia do Outro — um ato sintomático pode ter por visada despertar a angústia do Outro como testemunha do real, o real de uma existência do lado de fora do Imaginário e do Simbólico. Outra confirmação não menos importante diz respeito ao enlace da angústia e do desejo. O tempo da angústia não está ausente na constituição do desejo, mas eles não podem coexistir, pois o que os separa é justamente a função de corte que o significante opera no real. Isto nos conduz a afirmar que o *cutting*, que tantas jovens praticam, pode ser interpretado como retorno no real não propriamente de algo que não se operou no Simbólico, mais precisamente, de algo que o Simbólico não operou. É provável que nem todo *cutting* tenha uma conotação sacrificial, mas é certo que aquele que a tem deixa ver que “o sacrifício de modo algum se destina à oferenda ou ao dom [...] mas sim à captura do Outro na rede do desejo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 302).

Referências Bibliográficas:

- Alberti, S.** (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Alberti, S.** (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Araujo, L.** (2004) *Cazuza – Só as mães são felizes_ Depoimento a Regina Echeverria*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- Freud, S.& Fliess, W.** (1986) Carta 52 de 6 de dezembro de 1896. In *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1897-1904* Rio de Janeiro: Imago. Jeffrey Moussaieff Masson (org.).
- Freud, S.** (1980) “Uma neurose demoníaca do século XVII”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).
- Freud, S.** (1980) “O futuro de uma ilusão”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S.** (1980) “Sexualidade Feminina”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

- Freud, S.** (1980) “Conferência XXXIII: Feminilidade”, Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Nominé, B.** (2001) Adolescência ou a queda do anjo. *Revista Marraio. Da infância à adolescência (1): Formações Clínicas do Campo Lacaniano*.
- Lacadée, P.**(2011) *O despertar e o exílio, ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Lacan, J.** (1976) Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. Scilicet 6/7. Paris : Éditions du Seuil (conferência pronunciada na Yale University, em 24 de novembro de 1975).
- Lacan, J.** (1995) *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente dado em 1956-1957).
- Lacan, J.** (1999) *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente dado em 1957-1958).
- Lacan, J.** (1998) “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho originalmente publicado em 1958).
- Lacan, J.** (1992) *O Seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário originalmente dado em 1960-1961).
- Lacan, J.** (2005) *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário originalmente dado em 1962-1963).
- Lacan, J.** (1998) “De nossos antecedentes”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho originalmente publicado em 1966).
- Lacan, J.** (2003) Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1969).
- Lacan, J.** (2003) “O aturdido”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Conferência pronunciada em Beloeil, 14 de julho de 1972).
- Lacan, J.** (2007) *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente dado em 1975-1976).
- Lacan, J.** (1976) *O Seminário 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (Aula de 16 de novembro de 1976). *Ornicar?* 12/13, p. 7, dez. 1977.
- Miranda, E.** (2012). *Anotação feita em aula*. Rio de Janeiro.
- Miranda, E.** (2008). A violência do amor materno. http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/a_violencia_do_amor_materno.pdf (Acesso em 18 de julho de 2015).
- Pollo, V.** (2001) “Nem menina, nem mulher: a mais mentirosa das generosidades”. *Revista Marraio. Da infância à adolescência (1)*. Rio de Janeiro: Formações Clínicas do Campo Lacaniano.
- Pollo, V.** (2012) “Travessias e obstáculos da devastação mãe-filha”. In: *O medo que temos do corpo*. Rio de Janeiro: Sete Letras Ed.
- Quinet, A.** (1995). *A mulher: na psicanálise e na arte*. In Stella Jimenez e Gloria Sadala (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Soler, C.** (2006). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Outras fontes

- Cazuza** (1988). *Malandragem*. Disponível em:
<http://www.radio.uol.com.br/#/letrasmusicas/cazuza/malandragem/157935>
- Cazuza** (1985). *Só as mães são felizes*. Album Exagerado. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=SeJCioSy8E0
- Cazuza & Frejat Barão Vermelho** (1982). *Todo amor que houver nessa vida*. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=qUFDoU-GL

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

Pollo, V. & Ferreira da Silva, H. (2015). "Quem sabe eu ainda sou uma garotinha?!" Notas sobre a adolescência das meninas, seus sintomas e a relação mãe/filha. *Revista Affectio Societatis*, 12(23), 101-115. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>